

A influência da prefixação com *pré-* e *pós-* no comportamento gramatical dos produtos prefixados

Luís Henrique Leiria Pinheiro*
Pablo Nunes Ribeiro†

Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar se os pressupostos comumente adotados para a caracterização da prefixação em língua portuguesa (AZEREDO, 2000; BECHARA, 2019; VILLALVA, 2003) são suficientes para explicar o comportamento morfossintático observado no uso corrente dos prefixos espaço-temporais *pré-* e *pós-*. Segundo Villalva (2003), a prefixação, inserida na modificação morfológica, não abarca casos em que há mudança de propriedades gramaticais profundas da base, como os que envolvem alteração da categoria gramatical — algumas exceções, no entanto, são admitidas, a exemplo de *acaule* e *antirrugas*. Apesar disso, outros estudos (GANANÇA, 2017; NUNES, 2006; RIO-TORTO, 2019) apontam ainda mais casos similares, incluindo a ocorrência de produtos prefixados com *pré-* e *pós-*. De modo a estudar as propriedades morfossintáticas e morfossemânticas desses prefixos, realizamos, a partir de consultas ao Corpus do Português (DAVIES, 2016), uma análise sincrônica direcionada às suas formas tônicas, uma vez que estas são produtivas e apresentam-se como transparentes para os falantes (RIO-TORTO, 2019; SCHWINDT, 2005). Entre os resultados obtidos, destacamos que existem, na língua portuguesa contemporânea, produtos prefixados com *pré-* e *pós-* que apresentam um comportamento divergente daquele previsto para os resultados de prefixações, desafiando a não influência dessas unidades no comportamento morfossintático das bases.

Palavras-chave: linguística de *corpus*; prefixação na língua portuguesa; prefixos *pré-* e *pós-*

Abstract

This work aims to verify whether the assumptions commonly adopted for the characterization of prefixation in Portuguese (AZEREDO, 2000; BECHARA, 2019; VILLALVA, 2003) are sufficient to explain the morphosyntactic behavior observed in the

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. *E-mail:* henrique.pinheiro@ufrgs.br.

†Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. *E-mail:* pablonribeiro@yahoo.com.br.

Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no XV CELSUL em outubro de 2022 em Curitiba. Agradecemos à audiência presente no evento pelas contribuições. Agradecemos também a Emanuel Quadros, Sergio Menuzzi e Gabriel Othero e aos(as) pareceristas anônimos(as) pela leitura do manuscrito e pelos valiosos comentários. Os problemas remanescentes nesta versão final do artigo são inteiramente de nossa responsabilidade.

current usage of the spatial-temporal prefixes *pré-* and *pós-*. According to Villalva (2003), prefixation is a form of morphological modification and does not encompass cases where there is a change in deep grammatical properties, such as interference with the grammatical category — although some exceptions are allowed, such as *acaule* and *antirrugas*. However, studies (GANANÇA, 2017; NUNES, 2006; RIO-TORTO, 2019) point to even more similar cases, including the occurrence of products prefixed with *pré-* and *pós-*. In order to study the morphosyntactic and morphosemantic properties of these prefixes, we conducted a synchronic analysis focused on their stressed forms, based on queries to the Corpus do Português (DAVIES, 2016), as these forms are productive and transparent to speakers (RIO-TORTO, 2019; SCHWINDT, 2005). Among the results, we highlight that, in contemporary Portuguese, there are products prefixed with *pré-* and *pós-* that exhibit a divergent behavior from what is predicted for the outcomes of prefixation, challenging the idea that these units do not influence the morphosyntactic behavior of the base words.

Keywords: corpus linguistics; prefixation in the Portuguese language; prefixes *pré-* and *pós-*

1 Introdução

Diversos estudos têm se debruçado sobre a prefixação na língua portuguesa, sendo bastante recorrente a ideia de que ela é um processo morfológico que não altera a categoria gramatical das bases, visão compartilhada pela tradição gramatical (AZEREDO, 2000; BECHARA, 2019). Em seu influente trabalho sobre a morfologia do português, Villalva (2003) define a prefixação como uma modificação morfológica, que altera aspectos de natureza semântica da base mas não interfere em suas propriedades gramaticais mais profundas. Sob sua perspectiva, os prefixos não têm capacidade de determinar a categoria gramatical ou o valor das categorias morfológicas, morfossintáticas e morfossêmânticas relevantes. Apesar de reconhecer a existência de prefixos que podem se comportar de maneira divergente, isto é, exceções que põem em xeque a não influência dessas unidades no comportamento morfossintático do produto prefixado (p. ex., *a-* em *acaule*, e *anti-*, em *antirrugas*), a autora afirma que casos similares não são produtivos na língua portuguesa.

Entretanto, contextos de uso real da língua apontam para mais unidades classificadas como prefixos, como *pré-* e *pós-*, que atuam de maneira a influenciar o comportamento morfossintático dos produtos prefixados — e que fazem isso de maneira relativamente produtiva. Ao conduzir um estudo sobre os prefixos espaço-temporais na língua portuguesa, Nunes (2009) defende a ideia de recategorização gramatical propiciada pela prefixação, especialmente no que concerne à passagem de nomes para adjetivos. Esse fenômeno pouco explorado evidencia-se quando o produto prefixado denominal ocorre em meio ao que pode ser chamado de “formação em aposição” (cf. RIO-TORTO, 2019), p. ex., sintagmas como *camada pré-sal* e *mundo pós-guerra*. Nestas formações, o segundo elemento da estrutura estaria qualificando o primeiro, que, por sua vez, seria o núcleo da construção.¹

Este estudo buscou verificar se o comportamento de *pré-* e *pós-* está de acordo com os critérios utilizados pela tradição gramatical para a caracterização geral dos processos

¹Utilizamos o termo “qualificar” para nos referirmos à modificação semântica de classificação/categorização.

envolvidos na prefixação em língua portuguesa, considerando a participação dos prefixos espaço-temporais nas referidas formações em aposição. Exploramos inicialmente a hipótese de recategorização gramatical para a explicação das estruturas que desafiam o padrão esperado do comportamento dos produtos prefixados. Para isso, avaliamos as propriedades de concordância em gênero e número dos produtos em aposição a nomes, considerando o critério utilizado por Longo, Höfling e Saad (1997) para reconhecimento de adjetivos. Em seguida, em posse das evidências de que as palavras prefixadas não parecem ter sido convertidas para adjetivos plenos, exploramos a hipótese de que as formações se comportam como compostos de tipo [N1+N2], à semelhança das construções *palavra-chave*, *projeto-piloto* e *cidade-fantasma*. Por fim, ampliamos a discussão para destacar a importância da prefixação para a viabilidade de produtos de bases nominais em aposição a nomes, em formações [N1 *prefixo*-N2].

Esta discussão está organizada da seguinte maneira no artigo: inicialmente, trazemos uma breve revisão da literatura a respeito dos prefixos *pré-* e *pós-*, com destaque para suas propriedades prosódicas, combinatórias e produtivas; a seguir, apresentamos aspectos metodológicos da pesquisa de *corpus* que serviu como fundamentação empírica para as análises quantitativas e qualitativas desse tipo de prefixação em língua portuguesa, que são apresentadas em detalhes na seções subsequentes; por fim, trazemos uma breve síntese da discussão realizada no artigo e traçamos algumas considerações finais.

2 Análises dos prefixos *pré-* e *pós-* na literatura

Ao longo dos estudos da língua portuguesa, a prefixação tem-se apresentado como processo de caráter híbrido. As origens dos prefixos, essencialmente resumidas em preposicionais ou adverbiais, indicam a tênue linha que os separa das formas livres.² As reformas ortográficas, inclusive, tentam acompanhar as mudanças na avaliação feita por linguistas e gramáticos em relação ao *status* das referidas unidades, impondo a adjunção com ou sem hífen (p. ex. *anticristo* ou *anti-inflamatório*) ou até mesmo a falta de uma ligação gráfica mais evidente (p. ex. *não obrigatório*, anteriormente grafado como *não-obrigatório*). Além disso, palavras prefixadas podem afastar-se de seu sentido composicional incipiente e tornar-se lexicalizadas de forma a dificultar a recuperação do semantismo inicial e o reconhecimento de seus prefixos pelos falantes.

Schwindt (2005) empreende um estudo sobre as diferentes formas de *pré-* e *pós-* e como elas podem afetar sua transparência para estudantes falantes de português do sul do Brasil. Sua pesquisa, concentrada principalmente em propriedades morfofonológicas, apresenta, juntamente a resultados empíricos, uma discussão sobre a produtividade e a transparência de tais prefixos quando pronunciados com vogal média-baixa ([ɛ], [ɔ]) e/ou vogal média-alta ([e], [o]). Entre suas conclusões, o autor confirma a hipótese de que os prefixos do primeiro grupo, grafados com acento agudo, são, além de produtivos, os mais transparentes.

²Os prefixos *pré-* e *pós-*, por exemplo, podem incidir simultaneamente sobre um mesmo elemento: a construção *pré e pós operatório*, considerando a possibilidade da variação de gênero e número da base, registrou 17 ocorrências em um dos *corpora* utilizados neste trabalho, como em *fisioterapia pré e pós operatória* e *cuidados pré e pós-operatórios*. Além disso, foram atestadas ocorrências isoladas de *pré-* e *pós-* com sentidos associados a produtos prefixados como *pós-graduação*, *pré-escola* e *(plano) pré-pago*.

As propriedades prosódicas ocupam espaço marginal em meio à análise de Rio-Torto, em sua obra intitulada *Prefixação na língua portuguesa contemporânea* (2019). Ainda assim, no que diz respeito aos prefixos que são foco deste estudo, a autora afirma: “Nos casos em que *pré-* e *pós-* já são pronunciados em português europeu como vogais não baixas [...], muitos falantes já não reconhecem a presença dos prefixos nestas palavras” (RIO-TORTO, 2019, p. 32). Sua afirmação e o estudo de Schwindt corroboram a proposição de que os prefixos *pré-* e *pós-* acentuados são os mais transparentes sincronicamente para os falantes de língua portuguesa, motivo pelo qual foram escolhidos para este estudo.

Um dos pontos abordados por Rio-Torto (2019), em um panorama geral sobre a prefixação, diz respeito aos processos combinatórios, em que a constatação da categoria gramatical, tanto da base quanto do produto prefixado, torna-se relevante para definir certas propriedades dos prefixos. Para ela, estas unidades, *a priori*, não podem alterar a categoria gramatical da base a que se acoplam. Assim, a prefixação estaria sumariamente restrita à produção isocategorial — aos moldes do que é sugerido por Villalva (2003) —, em que um prefixo adjungido a um N formaria um novo N, um prefixo adjungido a um A formaria um novo A, e assim por diante.

A classificação de afixos proposta por Villalva é crucial ao contrapor a divisão baseada na posição (isto é, entre prefixos e sufixos) e enfatizar as funções que as unidades exercem ao se acoplarem à base. Segundo a autora, os afixos estão divididos em basicamente dois grupos: modificadores e predicadores. Os afixos modificadores atuam morfológica e semanticamente sobre a base e alteram sua informação semântica, sem interferir na sua categoria gramatical e em outras propriedades atreladas a ela (como gênero, no caso de nomes). Neste grupo, incluem-se os prefixos e os sufixos avaliativos. Por exemplo, em *livrinho*, o afixo *-inho* modifica morfológica e semanticamente *livro*, sem interferir, entretanto, em propriedades morfosintáticas, e o produto permanece um nome masculino. Já os afixos predicadores são aqueles que assumem a posição de núcleo em um radical complexo, determinando as propriedades morfosintáticas do produto, incluindo sua categoria gramatical. Em português, o núcleo do radical complexo vem geralmente após o complemento, como *-vel* em *amável*, que determina o produto como adjetivo. Villalva afirma que poucos prefixos se inserem neste último conjunto, destacando *a-* e *anti-*, em casos como *acaule* e *antirrugas*, respectivamente, em que haveria alteração da categoria gramatical, de nome para adjetivo. Para a autora, estes prefixos de comportamento divergente possuem produtividade baixa.

Quanto à possibilidade de recategorização gramatical pela prefixação, Rio-Torto (2019) destaca algumas formações, como *antipessoal*, em que o prefixo tem “escopo sobre o conteúdo do radical nominal (*pesso-*) do adjetivo [...], e não sobre o conteúdo deste (*pessoal*)” (RIO-TORTO, 2019, p. 29). Em português europeu, por exemplo, uma *mina antipessoal* é destinada a ferir *pessoas*. O caso não configura recategorização, uma vez que se parte de um reconhecido adjetivo (*pessoal*) para se chegar a um produto que se comporta gramaticalmente como adjetivo (*antipessoal*). Entretanto, é possível traçar um paralelo entre este caso e aqueles em que o prefixo se adjunge a uma base nominal, novamente com escopo sobre o radical nominal; o produto resultante, nesses casos, pode se comportar sintaticamente como um adjetivo, qualificando o elemento anterior (cf. *planta acaule*, *creme antirrugas*). Rio-Torto (2019) menciona estudos anteriores que investigaram a recategorização gramatical a partir da adjunção de alguns prefixos, como *anti-* e *inter-*³. Da mesma maneira, outros prefixos produzem estruturas análogas a *acaule*, *antirrugas*,

³Rio-Torto (2019, p. 29): “A possibilidade de alguns prefixos terem capacidade de recategorização foi

antiescaras e *inter-regiões*, de modo a desafiar a generalização da produção isocategorial. Crucialmente, entre estes prefixos, estão *pré-* e *pós-*.

Ao conduzir um estudo sobre a prefixação espaço-temporal na língua portuguesa, Nunes (2006) afirma que a recategorização gramatical pela prefixação é tema de dissensão em meio aos estudos linguísticos. Os resultados que levanta a partir do *corpus* de sua pesquisa parecem ir ao encontro da ideia de que alguns produtos prefixados não possuem a mesma categoria gramatical das bases que lhes deram origem.

Neste sentido, a prefixação abarca situações não contempladas por definições estritas, já que os critérios comumente utilizados para a descrição deste processo de formação de palavras começam a ser questionados frente a casos reais de uso da língua. De acordo com Nunes (2006, p. 83): “afigura-se imprescindível a consideração dos elementos prefixais enquanto entidades portadoras de individualidade própria, não integráveis em considerações generalistas [...]”. Deste modo, parece que há certa deficiência na adoção dos critérios gerais da tradição gramatical para explicar a variedade comportamental das unidades prefixais *pré-* e *pós-* na língua portuguesa. Assim, o presente estudo debruça-se sobre usos autênticos de escrita que desafiam a suposta falta de influência da prefixação no comportamento morfossintático das formações em que *pré-* e *pós-* ocorrem.

3 Procedimentos metodológicos

Escolhemos como método de coleta de dados a pesquisa em *corpus*, que se vale de técnicas computacionais para analisar, em grandes coleções de textos, padrões e tendências no uso de línguas, como frequência de palavras e estruturas gramaticais. Por meio da pesquisa em *corpora* disponíveis *online*, é possível rastrear as ocorrências dos prefixos *pré-* e *pós-* em textos escritos e publicados na internet, bem como verificar em que contextos tais prefixos são utilizados e quais são suas relações com outras unidades da frase.⁴

Para esta pesquisa, utilizamos a plataforma Corpus do Português (DAVIES, 2016). Nela, foram selecionados dois *corpora*: Web/Dialects (doravante Corpus 1) e News on the Web (doravante Corpus 2), ambos com mais de um bilhão de palavras compiladas a partir de textos escritos em português, especialmente no século XXI, incluindo as variedades de quatro países lusófonos — Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. A principal diferença entre os conjuntos de dados assenta-se em suas fontes de extração, sendo que em torno de 50% dos dados disponíveis no Corpus 1 foram extraídos de *blogs*, enquanto o Corpus 2 compila, principalmente, textos provenientes de jornais e revistas virtuais, como colunas e artigos de opinião.

Pelo uso de ferramentas da plataforma, os resultados foram filtrados por formas de palavra específicas e/ou por lexemas. Ao utilizar a filtragem por lexemas, mesclam-se, em um só rótulo, formas com variações de gênero, número e, em casos de lexemas verbais, suas formas nominais. Isso permite visualizar de maneira mais ampla, em uma lista, a heterogeneidade entre os produtos prefixados, evitando que formas diferentes para o mesmo lexema ocupem mais de uma posição, como *pré-requisito* e *pré-requisitos*.

também sugerida (cf. CORBIN, 1987; PENA, 1999, p. 4333, entre outros) em relação a prefixos como *anti-* e *inter-*, uma vez que, combinados com bases nominais, formam estruturas com valor predicativo (cf. colchão *antiescaras*, viadutos *inter-regiões*)”.

⁴De modo a coletar em *corpora* da língua escrita apenas as formas tônicas dos prefixos *pré-* e *pós-*, a pesquisa levou em conta as formas com acento gráfico.

4 Análise e discussão dos dados coletados

A partir das consultas empreendidas, e com auxílio das ferramentas disponibilizadas no Corpus do Português, foi possível observar especificidades relativas ao comportamento dos prefixos que constituem o foco deste estudo. A seguir, são apresentadas problematizações e discussões acerca dos resultados.

4.1 Produtividade

Entendemos que a produtividade se relaciona à capacidade de os falantes gerarem novas estruturas combinando elementos morfológicos existentes no léxico. Em se tratando de linguística de *corpus*, cabe, antes de tudo, salientar a diferença entre frequência de *type* e frequência de *token* (cf. BAUER, 2001): a primeira se refere ao número de entradas distintas e é útil para medir a diversidade lexical do *corpus*, enquanto a segunda se refere ao número total de ocorrências dos elementos e é útil para mensurar o tamanho ou a extensão do *corpus*. A frequência de *types* pode auxiliar na verificação da produtividade, uma vez que produtos não dicionarizados indicam formações novas produzidas pelos falantes.⁵

Os prefixos *pré-* e *pós-* registraram, respectivamente, mais de 4 mil e 3,2 mil lexemas distintos no Corpus 1, ao passo que o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), por exemplo, não registra mais que 800 verbetes iniciados com *pré-* e mais que 200 verbetes iniciados com *pós-*, considerando ambas suas formas tônica e átona. Para além da alta frequência de construções lexicalizadas e dicionarizadas, como *pré-adolescência*, *pré-histórico*, *pré-aquecer*, *pós-guerra*, *pós-moderno* e *pós-graduar*, encontramos lexemas menos comuns, com poucas ocorrências, como *pré-aparelho*, *pré-elétrico*, *pré-saborear*, *pós-gangue*, *pós-orgânico* e *pós-processar*. Essa propriedade fundamental da produtividade relaciona-se à flexibilidade e à adaptabilidade da linguagem e evidencia a utilização de estruturas já estabelecidas para a criação de novas expressões. A constatação fica mais evidente quando se destacam produtos prefixados cuja base nominal designa produtos, marcas ou eventos (cf. *pré-Twitter*, *pré-Libertadores* e *pós-Oscar*). De modo geral, considerando-se a contagem de *types*, *pré-* e *pós-* se mostram bastante produtivos nos *corpora* pesquisados.⁶

4.2 Propriedades combinatórias dos prefixos *pré-* e *pós-*

Ambos os prefixos se acoplam sem maiores dificuldades a bases de diferentes categorias gramaticais. Para *pré-*, temos, por exemplo: [N *sal*] → [N *pré-sal*]; [A *histórico*] → [A

⁵De acordo com Baayen (2009), a contagem de *types*, que leva em consideração o número de formas de palavra únicas em um *corpus*, oferece uma indicação a respeito do que chama de “produtividade realizada” de um processo morfológico. No entanto, o autor argumenta que a frequência de *types* fornece apenas uma aproximação da produtividade de um esquema, uma vez que outros fatores podem afetar a produtividade. Essa discussão, no entanto, foge do escopo da presente pesquisa; para fins deste trabalho, consideramos que a frequência de *types* já é suficiente para atestar algum grau de produtividade da prefixação com *pré-* e *pós-* no português.

⁶A seguir, mostramos que o uso considerado “atípico” (pela tradição gramatical) de produtos denominais prefixados com *pré-* e/ou *pós-* em aposição a nomes (como em *creme antirrugas*) também apresenta relativa produtividade.

pré-histórico]; [v *aquecer*] → [v *pré-aquecer*]. Para *pós-*: [N *graduação*] → [N *pós-graduação*]; [A *operatório*] → [A *pós-operatório*]; [v *pagar*] → [v *pós-pagar*]⁷. As categorias mais frequentes entre os produtos são, em ordem decrescente: nomes, adjetivos e verbos.

A prefixação com *pré-* e *pós-* nem sempre tem escopo sobre apenas uma palavra. Uma vez que os referidos prefixos são utilizados para expressar a relação de temporalidade entre uma entidade e outra, seu escopo pode incidir sobre conceitos que são expressos por mais de uma palavra, como sintagmas nominais: *pré-eleição de 2014*, *pré-Segunda Guerra Mundial*, *pós-colheita de frutas e hortaliças* e *pós-Game of Thrones* são alguns exemplos encontrados nos *corpora*.⁸

A classificação das unidades de texto da plataforma não é sensível a relações mais amplas em meio às frases, restringindo-se a uma identificação morfológica básica que leva em consideração, de maneira acentuada, a categoria gramatical da forma originária à qual o prefixo se adjunge. Em uma expressão como *pré-Segunda Guerra Mundial*, por exemplo, uma interpretação superficial, sem cuidados adicionais, pode propor a incidência da prefixação sobre um adjetivo (*pré-Segunda*). Neste sentido, foram percebidas algumas inconsistências na classificação automática, motivo pelo qual os contextos de ocorrência dos produtos tiveram que ser analisados qualitativamente, de modo a complementar os dados quantitativos extraídos.

4.3 As formações em aposição

Nos produtos prefixados com *pré-* e *pós-*, a categoria gramatical da base à qual o prefixo se acopla geralmente é preservada, como em [N *história*] → [N *pré-história*]. Apesar disso, o comportamento dos produtos no uso corrente da língua — que se reflete nos registros dos *corpora* — não aparenta corresponder sempre ao da categoria gramatical da base. O produto *pré-sal* (5.209 ocorrências no Corpus 1), por exemplo, é formado a partir de um nome, mas pode suceder outro nome, como em *camada pré-sal* (233 ocorrências no Corpus 1). É comportamento atípico de nomes posicionar-se ao lado de outro, qualificando-o⁹ (cf. a má formação de **camada sal*, por exemplo). Esta função é normalmente exercida por adjetivos, motivo pelo qual se poderia pensar em recategorização gramatical do segundo elemento.

A aproximação entre as categorias dos nomes e dos adjetivos é notória. Em línguas como o português, ambas flexionam para gênero e número gramatical. Além disso, uma quantidade considerável de vocábulos é registrada em dicionários como pertencente às duas categorias, como o lexema *graduado*, o que, conseqüentemente, pode elucidar o motivo pelo qual o produto *pós-graduado* também apresenta comportamento similar: cf. “Um profissional *pós-graduado*...” e “Os *pós-graduados* em TIC poderão ser recrutados...”¹⁰

⁷Encontrado principalmente em sua forma *pós-pago*.

⁸Uma proposta de análise para tais estruturas encontra-se em Jackendoff e Audring (2018). Os autores sugerem a interseção entre diferentes domínios em um mesmo nível de representação da língua — neste caso, entre morfossintaxe e sintaxe frasal —, o que permite que afixos se acoplem a “constituintes frasais”. Entre os exemplos de Di Sciullo e Williams (1987 apud JACKENDOFF; AUDRING, 2018) para tal fenômeno na língua inglesa está *matter-of-factness*. Jackendoff e Audring interpretam a estrutura da seguinte maneira: [N [NP *matter of fact*] [AFF *ness*]].

⁹Substantivos colocam-se em aposição a outros geralmente em nomes compostos.

¹⁰Esta passagem de adjetivo para nome é referida por alguns autores como resultado de “deslizamento”

A mesma explicação não pode ser conferida aos casos em que os prefixos se acoplam a bases como *sal*, *venda*, *guerra* e *parto*, para as quais não é atestado prévio comportamento adjetival. No entanto, todas elas são prefixadas com *pré-* e/ou *pós-* e ocorrem após outros nomes, como em *camada pré-sal*, *serviço pós-venda*, *período pré-guerra* e *depressão pós-parto*.¹¹ Apesar disso, diferem dos adjetivos por não acompanharem os nomes na flexão de gênero e número, como podemos ver em (1) e (2):

- (1) [[N masc, pl *mundos*] [prefixo *pós-*[N fem, sg *guerra*]]]
 (2) [[N fem, sg *depressão*] [prefixo *pós-*[N masc, sg *parto*]]]

Este descompasso se relaciona com outro fenômeno linguístico. Certos nomes ocorrem em estruturas denominadas por Rio-Torto (2013a) de “nomes em aposição” ou “construções N1+N2”, como *padrão* e *revelação* em *configurações padrão* e *artistas revelação*, respectivamente. A autora reconhece a possibilidade de essas estruturas estarem no limiar de diferentes domínios da língua, o que explicaria a celeuma entre linguistas que tentam classificá-las. Rio-Torto (2013a) afirma categoricamente que o segundo elemento não é um adjetivo, mas sim um nome com uma função predicativa. Longo (2000) utiliza a expressão “nome atributivo”, enquanto Noailly (1990) fala em “substantivo epíteto”.

Transpondo esta discussão classificatória para as formações em aposição por nós estudadas, em que o segundo elemento é um produto prefixado por *pré-* ou *pós-*, é possível explorar as possibilidades de recategorização gramatical (em que haveria um N seguido de A) e de composição (em que haveria um composto [N1+N2]). Nunes (2006) admite a primeira possibilidade, ou seja, a passagem de nome para adjetivo provocada pela prefixação com *pré-* e/ou *pós-*. Por outro lado, estudos de Rio-Torto (2013a, 2013b) parecem apontar para uma semelhança com compostos do tipo [N1+N2]. Seja qual for a denominação utilizada para se referir ao segundo elemento ou à estrutura como um todo, as construções [N1 *prefixo*-N2] ocupam parcela importante em meio aos dados extraídos dos *corpora*, como é possível visualizar no Quadro 1:¹²

de categoria (NEVES, 2000 apud LAWALL, 2008) ou “flutuação categorial” (LEMLE, 1984 apud LONGO; HÖFLING; SAAD, 1997). Basílio afirma que a conversão categorial entre substantivos e adjetivos é comum no português, apesar de fazer uma distinção entre este fenômeno e os de extensão de propriedades, “em que um item lexical ou classe de itens assume apenas uma ou outra das propriedades de uma outra classe” (2002, p. 76), como no caso da substantivação.

¹¹Isso não exclui formas como o *pré-sal*, a *pós-venda*, a *pré-guerra* e o *pós-parto*, em que não há indícios de comportamento atípico do produto prefixado. Além disso, nestes e outros casos similares, o produto geralmente aceita artigos masculinos, ainda que a base seja feminina (cf. *o pós-venda*, *o pré-guerra*), o que sugere a influência de um elemento suprimido (cf. *o período pós-venda*, *o período pré-guerra*).

¹²A principal questão em discussão no Quadro 1 diz respeito à quantidade de produtos prefixados em aposição a outros nomes em estruturas [N1 *prefixo*-N2]. Por isso, o número de *tokens* passa a ser relevante, uma vez que ocorrências em aposição a outros Ns ou não podem fazer parte do mesmo *type*. Conforme demonstramos na nota anterior, um nome com posição de N2 nas estruturas estudadas pode ocorrer em outros contextos.

Quadro 1 — Ocorrências dos prefixos *pré-* e *pós-*

Prefixo	<i>prefixo-*</i> : ocorrências totais		N <i>prefixo-*</i> : ocorrências precedidas por N		N1 <i>prefixo-N2</i> : ocorrências originadas em N2 e precedidas por N1	
	Corpus 1	Corpus 2	Corpus 1	Corpus 2	Corpus 1	Corpus 2
<i>pré-</i>	80.611	142.991	27.537 (30,16%)	40.341 (28,21%)	3.825 (4,74%)	11.490 (8,03%)
<i>pós-</i>	56.406	65.567	16.099 (28,54%)	20.549 (31,34%)	6.988 (12,38%)	9.487 (14,46%)

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do Corpus do Português.

O tipo de estrutura [N1 *pré*-N2] representa 3.825 ocorrências no Corpus 1 e 11.490 ocorrências no Corpus 2. Entre os lexemas mais frequentes prefixados por *pré-*, *pré-sal* é o que se mostra de maneira mais propensa a apresentar comportamento divergente ao da categoria do lexema de origem não prefixado — p. ex., em formações como *camada pré-sal*. O restante do conjunto mostra-se mais resistente a esse comportamento, apesar de conter, em casos pontuais, exemplos que merecem destaque — como *pré-venda* e *pré-temporada*, em formações como *estimativa pré-venda* e *treinos pré-temporada*.

Por outro lado, ao analisar os lexemas mais frequentes prefixados por *pós-*, nota-se uma tendência maior a esse comportamento: *pós-guerra*, *pós-parto* e *pós-venda* são alguns exemplos de produtos que ocorrem frequentemente em aposição a outros nomes. Ao todo, foram encontradas 6.988 ocorrências no Corpus 1 e 9.487 ocorrências no Corpus 2 para estruturas do tipo [N1 *pós*-N2], o que representa, em ambos os casos, mais de 12% das ocorrências totais de *pós-* em cada *corpus*. Algumas delas incluem: *depressão pós-parto*, *serviços pós-venda* e *período pós-guerra*.

No Quadro 2, é possível ver as ocorrências mais frequentes das formações em aposição para ambos os prefixos, considerando N2 somente verbetes classificados unicamente como substantivos no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

Quadro 2 — Formações [N1 *pré*-N2] mais frequentes nos *corpora*, em ordem decrescente

[N1 <i>pré</i> -N2]		[N1 <i>pós</i> -N2]	
Corpus 1	Corpus 2	Corpus 1	Corpus 2
<i>camada pré-sal</i>	<i>camada pré-sal</i>	<i>depressão pós-parto</i>	<i>depressão pós-parto</i>
<i>refeição pré-treino</i>	<i>nível pré-crise</i>	<i>serviço pós-venda</i>	<i>cena pós-crédito</i>
<i>parto pré-termo</i>	<i>período pré-crise</i>	<i>período pós-guerra</i>	<i>serviço pós-venda</i>
<i>inspeção pré-embarque</i>	<i>profilaxia pré-exposição</i>	<i>cena pós-crédito</i>	<i>avaliação pós-programa</i>
<i>nível pré-crise</i>	<i>patamar pré-crise</i>	<i>período pós-independência</i>	<i>entrevista pós-jogo</i>

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do Corpus do Português.

Destacamos que os produtos prefixados encontrados nestes contextos não permanecem restritos a construções gramaticais específicas, isto é, podem combinar-se com outros nomes na posição de N1. Por exemplo, o produto *pré-sal* foi encontrado ao lado de lemas nominais como *camada*, *província* e *petróleo*, enquanto *pós-parto* foi encontrado após *período* e *hemorragia*. Além disso, os produtos aceitam advérbios predecessores em alguns casos, o que os afasta de compostos, que geralmente não permitem elementos intermediários: *níveis quase pré-crise*, *época tão pré-computador*, *fase ainda pré-conflicto*, *reações imediatamente pós-birra*, *ironia antecipadamente pós-metafísica*, *período imediatamente pós-guerra civil*. No entanto, como exemplificado em (1) e (2), não respondem bem a alterações de qualquer natureza em sua estrutura, incluindo aquelas de flexão de gênero e número gramatical, o que os afasta de adjetivos regulares.

4.4 Alterações nos produtos prefixados

Explorando a fundo os resultados das consultas empreendidas nos *corpora* para além das formações mais frequentes, constata-se que há significativa quantidade de expressões relativas a datas e eventos históricos, celebridades e personalidades políticas, produtos e programas culturais, entre outros temas presentes nas pautas dos textos disponíveis nas fontes de extração. Algumas formações desse tipo incluem: *pré-ENEM*, *pré-Oscar*, *pré-Libertadores*, *pós-Brexit*, *pós-BBB*, *pós-Pelé* e *pós-ditadura*. São, em sua maioria, produtos não dicionarizados e possuem baixa frequência individual.

Esses produtos mostram que os prefixos se acoplam a nomes para os quais não há adjetivos correspondentes (p. ex., *pós-BBB*), bem como a nomes para os quais os adjetivos correspondentes são preteridos (p. ex., *pós-ditadura* sendo mais comum que *pós-ditatorial* ao suceder país).¹³ Ao estabelecer uma propriedade que se refira ao período posterior

¹³Em relação ao N2 das formações analisadas por Rio-Torto, a autora declara que “o nome é uma escolha mais otimizada e impressiva do que a do adjetivo corradical, que aliás nem sempre está disponível na língua” (2013a, p. 20). Longo (2000, p. 282) afirma que “a existência de lacunas lexicais adjetivas e o emprego metafórico favorecem as construções NN”. Ainda assim, mesmo quando há adjetivo disponível na língua, diferentes valores semânticos podem ser atribuídos para cada caso, como se verifica na comparação entre *criança-prodígio* e *criança prodigiosa* (RIO-TORTO, 2013a, 2013b).

ou anterior a alguma entidade específica, especialmente quando esta entidade é expressa por nome próprio, a prefixação com *pré-* e *pós-* tende a não envolver, em meio ao processo, a criação de formas adjetivais sufixadas. Assim, *premição pós-Oscar* torna-se mais razoável que *premição *pós-oscarística* ou **pós-oscariana*, pois o principal referencial assenta-se no nome a ser prefixado, de modo a conservá-lo. Porém, isso também ocorre quando não se trata de nome próprio a ser prefixado, como atesta o produto *pós-ditadura* e *pós-morte*, mais comum que *pós-mortal* em formações como *vida pós-morte*.

Os nomes prefixados com *pré-* e *pós-* utilizados para modificar semanticamente outros Ns, geralmente estabelecendo uma relação de caráter temporal, tornam-se resistentes a alterações comuns no uso padrão de adjetivos. Suas formas são preservadas, sugerindo a necessidade de especificação estrita de referente. No que concerne à flexão, caso houvesse mudança de número ou gênero gramatical, haveria alteração nas propriedades de referenciação dos nomes: por exemplo, as propriedades de referenciação da expressão *períodos pós-guerra* são distintas daquelas de *períodos pós-guerras*. Desta maneira, há certa independência da base N no produto prefixado com *pré-* e *pós-*, o que permite também a pluralização somente do segundo elemento, como em *cena pós-créditos*. Quando a forma linguística mais utilizada para designar o referente almejado para N2 é pluralizada (*créditos*), as formações em aposição mais frequentes acabam sendo influenciadas fortemente por motivações de ordem semântica, como é possível ver no Quadro 3:

Quadro 3 — Comparação entre *pós-créditos* e *pós-crédito* após *cenalcen*

Formação em aposição	Ocorrências
<i>cena pós-créditos</i>	265
<i>cen</i> s pós-créditos	99
<i>cena pós-crédito</i>	46
<i>cen</i> s pós-crédito	8

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do Corpus do Português.

Cabe salientar que, nos compostos de tipo [N1+N2] estudados por Rio-Torto (2013a, 2013b) e Longo (2000), é possível haver casos de flutuação em relação ao uso do plural. A marcação única no primeiro elemento, nos *corpora* de Rio-Torto, é mais utilizada para sinalizar o plural da estrutura como um todo, como em *decretos-lei* e *palavras-chave*. Entretanto, a autora afirma que “o plural do N2 se tornou mais recorrente nas últimas décadas, evidenciando um estado de mudança em línguas como o português, o italiano e o espanhol” (RIO-TORTO, 2013b, p. 28),¹⁴ destacando formações presentes tanto no português europeu (p. ex., *cães-polícias*, com maior frequência que *cães-polícia*) quanto no português brasileiro (p. ex., *palavras-chaves*, com frequência significativa). Em expressões mais consolidadas, a dupla pluralização em compostos é recorrente.¹⁵

¹⁴Tradução livre. No original: “the plural of N2 increased in the last decades and promotes a changing stage of Portuguese, Italian, Spanish languages”.

¹⁵Em nossas consultas, foram encontrados os seguintes registros no Corpus 1: *funcionários fantasmas* (666 ocorrências); *pontos chaves* (108 ocorrências); *visitas surpresas* (32 ocorrências).

A concordância de número gramatical é utilizada como um dos critérios para atestar a conversão de nome para adjetivo por Longo, Höfling e Saad (1997), em uma análise que considerou 224 compostos na língua portuguesa. Por outro lado, Rio-Torto afirma que “a pluralização de N2 não transforma este num adjetivo” (2013a, p. 20) e demonstra que, em construções em que N2 tem valor atributivo e funciona como um categorizador de N1 (cf. *empresa-líder, escola-piloto, situação-limite*), a pluralização do segundo elemento é assistemática e pode não se manifestar quando a predicação é partitiva — isto é, quando N2 atribui algumas de suas propriedades prototípicas a N1 —, diferentemente da pluralização quase obrigatória em compostos coordenativos, que permitem paráfrases como “X é N1 e N2”. Em nossas buscas, não encontramos indícios substanciais de concordância compulsória nas formações em aposição. Consideramos que a pluralização geral da estrutura [N1 *prefixo*-N2], com o prefixo sendo *pré-* ou *pós-*, é feita no primeiro elemento, ao passo que a pluralização no produto prefixado depende, principalmente, do referente de N2.

Basílio et al. (2002, p. 390), em uma análise da expressão *Japão pré-guerra*, afirma: “Assim, se os elementos prefixais não provocam mudanças de classe ao unirem-se a uma base, a forma derivada torna-se susceptível, no entanto, de apresentar função adjetiva”. Sandmann (1988) também utiliza a expressão “função adjetiva” ao estudar produtos prefixados por *anti-*, e Ganança (2017) afirma que o par *pré-/pós-* atua de maneira similar. Além disso, como argumento fundamental para diferenciar prefixação e composição, Sandmann (2020[1992], p. 37) leva em conta um critério semântico: enquanto as bases nominais, adjetivais e verbais nos compostos vernáculos expressam ideias particulares (p. ex., *psicologia, agricultura, caça-talentos*), os prefixos expressam ideias gerais, normalmente de valor preposicional ou adverbial (p. ex., *sem-vergonha, rebatizar*). Desse modo, parece prudente considerar que os casos por nós estudados se diferenciam tanto de sintagmas [N+A] quanto de compostos [N1+N2] convencionais, apesar de o segundo elemento qualificar (ou modificar semanticamente) o primeiro.

5 A influência da prefixação na ocorrência de formações [N1 *prefixo*-N2]

Na língua portuguesa contemporânea, algumas formas classificadas como nomes se mostram mais propensas a atuar com valor atributivo sobre outras. É o caso de *chave* e *relâmpago*, por exemplo. Por outro lado, formas como *parto* ou *sal* não parecem ter o mesmo potencial caso não estejam acompanhadas de um prefixo. Esta característica chama atenção justamente por a prefixação ser relegada a um espaço de pouca relevância em relação a possíveis influências no comportamento morfossintático dos produtos. Geralmente, ela é descrita como um processo de modificação que atua quase exclusivamente no nível semântico. Entretanto, se, por um lado, a contribuição semântica da prefixação com *pré-* e *pós-* é evidente, parece-nos que, por outro, a adjunção dos prefixos a lexemas nominais, ou até mesmo sintagmas nominais, interfere no comportamento sintático das bases. Em outras palavras, é a prefixação em N que permite que o produto atue como modificador semântico de outro N nas formações em aposição do tipo [N1 *prefixo*-N2]. Contudo, essa propriedade observada em *pré-* e *pós-* não se aplica à prefixação de modo geral. O comportamento atípico, que já foi interpretado como consequência de certo “poder transcategorizador” (NUNES, 2006) ou “mudança de classe” (ALVES, 2002), não é observado em todos os prefixos.

Alguns prefixos que, parece-nos, também possibilitam estruturas do tipo [N1 *prefixo*-N2] incluem: os atitudinais *anti-* e *pró-*; os locativos *extra-* e *intra-*; os que expressam bilateralidade, reciprocidade e/ou medialidade *entre-* e *inter-*; e alguns quantificadores como *multi-*, *pluri-* e *poli-*.¹⁶ Além destes, há exemplos como o prefixo de negação *a-* em *acaule*, apontado por Villalva (2003) como uma excepcionalidade. Neste último caso, realmente parece que estamos diante de uma idiosincrasia, justamente pela falta de regularidade do processo em outros produtos prefixados por *a-*. Por outro lado, o mesmo não pode ser dito de *pós-*, já que mais de 12% de suas ocorrências nos *corpora* correspondem a formações [N1 *prefixo*-N2]. O prefixo *pré-*, apesar de menos propenso a essas construções, também possibilita as referidas estruturas. Tudo isso nos motiva a considerar que esse “comportamento divergente” ou “uso atípico” da prefixação parece ser, na verdade, um fenômeno com relativo grau de produtividade.

A presença do prefixo no segundo elemento parece crucial para a viabilidade e aceitação dessas estruturas no uso corrente da língua. As formações mais frequentes foram examinadas quanto à sua usabilidade sem o prefixo, e os resultados mostraram que sua frequência diminui drasticamente, chegando a zero em muitos casos. O Quadro 4 abaixo, que apresenta algumas das formações mais frequentes do tipo [N1 *pré*-N2] ou [N1 *pós*-N2] no Corpus 1, ilustra a importância fundamental do prefixo espaço-temporal na formação das estruturas:

Quadro 4 — Ocorrências de [N1 *prefixo*-N2] sem o prefixo, no Corpus 1

Formação em aposição	Ocorrências	Ocorrências sem o prefixo no segundo elemento
<i>depressão pós-parto</i>	460	0
<i>camada pré-sal</i>	229	1
<i>serviço pós-venda</i>	131	1
<i>período pós-guerra</i>	122	3
<i>período pós-independência</i>	86	0
<i>refeição pré-treino</i>	77	0

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados do Corpus do Português.

É seguro dizer que formações como *depressão parto* ou *camada sal* não são comuns nos textos disponíveis nos *corpora*, diferentemente de *depressão pós-parto* e *camada pré-sal*. A presença do prefixo nas formações elencadas no Quadro 4 coloca-se como marca distintiva. *Depressão pós-parto* é, por definição simples, uma depressão posterior ao parto, em uma linha temporal. Já *camada pré-sal* diz respeito a uma camada anterior ao sal, em determinada disposição espacial. Nestas formações em aposição, a função que os prefixos exercem parece oportunizar uma estrutura em que a base se preserva de maneira integral, uma vez que a constituição de sua forma é fundamental para recuperar o

¹⁶Exemplos retirados de Rio-Torto (2019): *antiaborto*, *pró-escolha*, *extraclasse*, *intramuros*, *entrelinhas*, *intercidades*, *multifunção*, *pluripartido*, *polivitaminas*.

significado e estabelecer, então, uma relação espaço-temporal entre ela e o referente do núcleo da formação.

Em outras palavras, a presença dos prefixos *pré-* e/ou *pós-* permite que o produto prefixado ocupe a posição de N2 em formações [N1 *prefixo*-N2], criando expressões viáveis e até mesmo recorrentes nos *corpora* consultados. As formações em aposição se mostraram relativamente produtivas, considerando a alta frequência de *types* correspondente a produtos não dicionarizados na posição de segundo elemento. Essa constatação vai de encontro à visão tradicional sobre a prefixação, uma vez que os critérios geralmente utilizados para caracterizar esse processo (AZEREDO, 2000; BECHARA, 2019; VILLALVA, 2003) negam influência significativa do prefixo sobre o comportamento morfossintático dos produtos. Os prefixos, nas formações em aposição estudadas em nossa pesquisa, estão exercendo muito mais influência do que inicialmente se supõe.

6 Considerações finais

Os prefixos *pré-* e *pós-* são usados para se referir a posições temporais e/ou espaciais relativas a alguma entidade. Eles se adjungem frequentemente a palavras ou expressões que descrevem eventos, períodos de tempo, tecnologias, tendências culturais e até mesmo personalidades, de forma a criar, a partir do processo, novas formas na língua portuguesa, ao que se pode dizer que estes prefixos são produtivos, inclusive quando se adjungem a nomes e se colocam em aposição a outro. Nestes casos, os atributos semânticos carregados pelos referidos prefixos e as relações por eles intermediadas parecem influenciar o comportamento morfossintático da base e dar-lhe certa independência.

As estruturas oportunizadas pelos prefixos (formações em aposição) favorecem uma leitura interpretativa inicial de recategorização gramatical, o que, acreditamos, não acontece efetivamente, principalmente porque não há sinais de concordância gramatical entre os elementos. Tampouco acreditamos que os casos por nós estudados funcionam da mesma maneira que um composto [N1+N2]. Apesar disso, consideramos que o produto prefixado assume propriedades semânticas típicas de adjetivo, sendo a principal delas a de qualificar o núcleo da formação.

Por fim, destacamos que parcela significativa das ocorrências dos prefixos *pré-* e *pós-*, nos *corpora* consultados, representa o uso das formações do tipo [N1 *prefixo*-N2], o que desmotiva avaliar o fenômeno como uma idiosincrasia ou exceção pontual. Em fases iniciais de pesquisa, no entanto, não é prudente apontar de modo categórico para as características que ensejam as estruturas aqui apresentadas. Todavia, ao que tudo indica, condições semânticas tendem a permitir o surgimento destas estruturas, uma vez que a relação temporal e/ou espacial estabelecida por *pré-* e *pós-* exige a identificação de duas entidades, e a recuperação do significado denotado pela base (N2) impede alterações morfológicas no produto prefixado, que carrega valor atributivo em relação ao núcleo.

Referências

- ALVES, I. M. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2002, v. 2. p. 91-100.
- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BASÍLIO, M. Flutuação de base categorial adjetiva no português falado. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2002, v. 2. p. 75-90.
- BAAYEN, H. Corpus linguistics in morphology: Morphological productivity. In: LÜDELING, A.; KYTÖ, M. (ed.). *Corpus Linguistics*. Berlin, New York: De Gruyter, 2009. p. 899-919.
- BASÍLIO, M. et al. Derivação, composição e flexão no português falado: condições de produção. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2002, v. 3. p. 363-429.
- BAUER, L. *Morphological productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- DAVIES, M. O corpus do português. *Corpus do Português*. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. 2016. Acesso em: 10 abr. 2023.
- GANANÇA, J. H. L. *Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da internet*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. Relational Morphology in the Parallel Architecture. In: AUDRING, J.; MASINI, F. (ed.). *The Oxford Handbook of Morphological Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- LAWALL, R. F. *Nome ou adjetivo? A identificação de elementos ambíguos no DP por falantes adultos do PB*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.
- LONGO, B. N. de O.; HÖFLING, C.; SAAD, J. C. Os nomes em função adjetiva não predicativa: contrastes. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 41, p. 91-107, 1997.
- LONGO, B. N. de O. Nomes atributivo no português brasileiro falado. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, p. 273-283, 2000.
- NOAILLY, M. *Le substantif épithète*. Paris: PUF, 1990.
- NUNES, S. M. da C. *Prefixação espaço-temporal na língua portuguesa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006.
- RIO-TORTO, G. Interface morfologia-sintaxe-semântica: variação flexional em compostos NN. *Revista Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, número especial, 2013, p. 11-24, 2013a.

RIO-TORTO, G. Nouns in apposition: Portuguese data. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v. 8, p. 17-38, 2013b.

RIO-TORTO, G. *Prefixação na língua portuguesa contemporânea*. São Paulo: Cortez, 2019.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Sciencia e Labor/Ícone, 1989.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical* [Recurso eletrônico]. Curitiba: Ed. UFPR, 2020 [1992].

SCHWINDT, L. C. A forma e o uso dos prefixos PRÉ- e PÓS- no português falado no sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 57-72, 2005.

VILLALVA, A. Formação de palavras: afixação. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

Artigo recebido em 13 de julho de 2023.

Artigo aceito em 25 de abril de 2024.